

RODA DE CONVERSA - PESQUISA DE IMPLEMENTAÇÃO

AVALIAÇÃO DOS NÍVEIS DE PRONTIDÃO ORGANIZACIONAL PARA IMPLEMENTAR DO RASTREIO E INTERVENÇÃO BREVE PARA O USO DO ÁLCOOL ENTRE PROFISSIONAIS DE SAÚDE

Rosa Maria Jacinto Volpato (volpator@unicamp.br)

Júlia Demétrio Salgado (demetrio.julia@gmail.com)

Jose Adelmo Da Silva Filho (adelmof12@gmail.com)

Alisséia Guimarães Lemes (alisseia.lemes@ufmt.br)

Liliane Santos Da Silva (liliane_rodrigues23@hotmail.com)

Rosana Onocko (rosanaoc@unicamp.br)

Carlos Alberto Dos Santos Treichel (treichel@usp.br)

Divane Vargas (vargas@usp.br)

Introdução: O consumo de bebidas alcoólicas traz diversas consequências negativas, físicas e sociais. A OMS recomenda o rastreio com instrumentos validados e a oferta de Intervenção Breve (IB), estratégia incluída na Atenção Primária à Saúde (APS) no Brasil. A prontidão organizacional para mudanças foca no comportamento de forma coletiva, o que pode oferecer novas perspectivas na implementação da inovação. Objetivos: Avaliar os níveis de prontidão organizacional para a implementação do rastreio e intervenção breve para o uso do álcool entre os profissionais de saúde dos serviços da Atenção Primária. Metodologia: Trata-se de um estudo transversal descritivo, realizado na APS em uma cidade do interior de São Paulo, com amostra composta por

profissionais de saúde. Os dados foram coletados através do software REDCap®, utilizando os seguintes instrumentos: questionário sociodemográfico e profissional, e o questionário sobre prontidão organizacional (ORIC-Br). Os dados foram avaliados através do programa Stata 18. Resultados: Participaram nove serviços da APS e 176 profissionais de saúde, do sexo feminino (82,4%, n=145), com idade média de 39,9 anos (DP=9,4). Quanto à formação, 55,1% (n=97) possuíam graduação ou pós-graduação, e 46,6% (n=82) atuavam em nível técnico; 51,7% (n=91) na Estratégia Saúde da Família (ESF). Verificou-se que 65,3% dos profissionais de saúde apresentaram média de 3,42 (DP=1,1) para a prontidão organizacional para implementação da mudança. A maioria (64%, n=113) concordou com a afirmação Q11, expressando confiança na capacidade de administrar a política de mudança. Entretanto, apenas 48,9% (n=86) concordaram com a Q5, que avalia a disposição pessoal para implementar a mudança. Conclusões: Os profissionais de saúde que atuam na APS apresentam níveis de prontidão organizacional considerados baixos pela literatura que recomenda o mínimo de 4 pontos. Indicando a necessidade da realização de um planejamento de ações, como capacitação, para que a implementação da mudança seja viabilizada e percebida como fator positivo na oferta do cuidado.

Palavras-chave: atenção primária; prontidão organizacional para mudança; consumo de álcool.